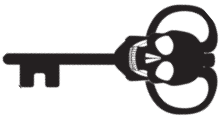
Capítulo Um



Era sempre um risco, deixar um corpo na Funerária Birdsall & Filho, mas esta manhã a Noiva da Fortuna favoreceu Hart Ralston.

Por hábito, baixou a cabeça ao entrar no átrio para não bater com a testa na ombreira da porta. Pinturas em cores fortes dos deuses da morte — o Mar Salgado, o Guardião e o Avô Ossos — decoravam as paredes em molduras douradas. Duas poltronas de veludo verde estavam dispostas diante de uma mesa de café de nogueira e as suas linhas caprichosas imbuíam a sala com um charme animado. Latas de grãos de café *vintage* serviam de casa para canetas e doces num balcão que brilhava de tão polido. Não se tratava do átrio sombrio e sério de um local respeitável como os Serviços Funerários Cunningham. Este era o calor chocante de uma funerária que recebia a morte das outras pessoas de braços abertos.

Estava também abençoadamente vazia, exceto pelo cão estendido numa das cadeiras. O rafeiro estava a coçar as costelas com tanta fúria que não percebeu que o seu xerife tanriano favorito tinha entrado pela porta. Hart observou, encantado, a pata traseira do rafeiro lançar um ciclone de pelos através de um raio de sol, antes de o pelo eriçado se acomodar no estofo de veludo.

— Lindo menino, *Leonard* — disse Hart, sabendo muito bem que Mercy Birdsall não queria o seu cão enroscado na mobília.

Ao som do seu nome, *Leonard* endireitou-se e abanou a cauda curta. Saltou da cadeira e atirou-se a Hart, que lhe fez festas com igual entusiasmo.

Leonard era uma fera feia — metade boxer, metade sabe-se lá o quê, de pelagem tigrada, olhos esbugalhados e raiados, beiços pendentes.

Em qualquer outro caso, este seria um focinho que só o seu dono poderia amar, mas havia uma razão para Hart continuar a patrocinar o seu agente funerário menos favorito de todas as cidades fronteiriças que se agarravam às bainhas do Posto Ocidental dos Xerifes de Tanria como crianças mendigas. Depois de uma ronda completa de festas e de um jogo de busca com a bola de ténis que *Leonard* desenterrou de debaixo da cadeira, Hart tirou o relógio do bolso do colete e, vendo que a tarde já estava no fim, resignou-se a continuar com o seu trabalho.

Tirou um momento para tirar o chapéu e pentear para trás o cabelo loiro demasiado grande com os dedos. Não que se importasse com o seu aspeto. Pelo menos, não na Birdsall & Filho. De facto, se fosse um homem de oração, teria implorado à Mãe das Dores para ter misericórdia dele, mesmo. Mas ele não era inteiramente um homem — não por metade — e muito menos um que rezava, por isso, deixou a religião para o cão.

— Reza por mim, *Leonard* — disse ele antes de fazer tocar a campainha no balcão.

— Pai, podes atender? — A voz de Mercy ouviu-se vinda de algum lugar nas entranhas da Birdsall & Filho, alto o suficiente para que o pai a pudesse ouvir, mas suave o suficiente para não soar como uma esganiçada a gritar pelo edifício.

Hart esperou.

E esperou.

— Sinceramente — resmungou enquanto tocava à campainha novamente.

Desta vez, Mercy esqueceu as cautelas e gritou:

— Pai! A campainha! — Mas esse pedido foi recebido com silêncio e Hart permaneceu parado junto do balcão, com a sua impaciência a aumentar a cada segundo. Abanou a cabeça para o cão. — Pelo Mar Salgado, como é que a tua dona consegue manter-se a funcionar?

A cauda de *Leonard* começou novamente a acenar, e Hart baixou-se para acariciar o boxer até este vibrar de alegria.

— Peço imensa desculpa — disse Mercy, sem fôlego, enquanto surgia apressada das traseiras para ocupar o seu lugar atrás do balcão. — Bem-vindo à Birdsall & Filho. Em que o posso ajudar?

Hart levantou-se bem acima — para cima e ainda mais para cima — de Mercy enquanto o estômago dela (esperava ele) se afundava cada vez mais.

— Oh. És tu — disse ela, com as palavras e o nada entusiasmado tom que as acompanhava a caírem-lhe da língua como um peso de chumbo. Hart resistiu à vontade de triturar os molares num pó fino.

— A maioria das pessoas começa com *olá*.

— Olá, Desgosto[1] — suspirou ela.

— Olá, Impiedosa[2]. — Ele ofereceu-lhe um sorriso ténue e venenoso, enquanto observava a aparência estranhamente desgrenhada dela. Independentemente de tudo o que pudesse dizer sobre ela, Mercy apresentava-se normalmente de modo impecável, com vestidos de cores vivas que favoreciam a sua estrutura alta e robusta, e um batom igualmente vivo meticulosamente aplicado nos seus lábios cheios. Hoje, no entanto, ela usava um macacão e a sua pele morena estava orvalhada de suor, fazendo com que os seus óculos vermelhos de aros de osso lhe deslizassem pelo nariz. Alguns caracóis escuros tinham-se soltado do lenço floral que lhe prendia o cabelo, como se ela tivesse posto a cabeça de fora da janela enquanto conduzia a toda a velocidade por um canal.

— Suponho que ainda estejas vivo, então — disse ela sem rodeios.

— Estou. Tenta conter a tua alegria.

Leonard, que não conseguia conter a sua alegria, saltou para pôr as patas na barriga de Hart e este não pôde deixar de apertar aquelas beiças fofas com as mãos. Que pena que um cão tão simpático pertencesse à pior de todas as gerentes de uma funerária.

— Estás aqui para fazer festas ao meu cão ou tens mesmo um corpo para deixar?

Uma pontada de humilhação fria percorreu as veias de Hart, mas ele nunca a deixaria vê-la. Ergueu as mãos como se Mercy estivesse a apontar-lhe uma besta-pistola à cabeça e declarou com falsa inocência:

— Passei por aqui para tomar uma chávena de chá. É uma má altura?

Desprovido de adoração, *Leonard* saltou mais alto, arranhando as costelas de Hart.

---

[1] *Hart-ache* no original, num trocadilho com *Heartache* (*Desgosto*). *(N. da T.)*

[2] *Merciless* (*Impiedosa*) no original. *(N. da T.)*

— *Leonard*, para baixo. — Mercy agarrou o cão pela coleira e arrastou-o para cima, para o seu apartamento. Hart podia ouvi-lo a arranhar a porta e a uivar de modo lamentoso atrás da madeira. Era monstruoso da parte de Mercy privar Hart e o seu cão da companhia um do outro. Típico.

— Ora bem, onde é que estávamos? — disse ela quando voltou, colocando os punhos nas ancas, o que fez com que a parte da frente do seu macacão se esticasse sobre o seu peito generoso. O quadrado de ganga parecia gritar: *Ei, olhem para elas! Não são magníficas?* Era muito injusto da parte de Mercy ter um peito magnífico.

— Vens deixar um corpo, presumo? — perguntou ela.

— Sim. Sem chave.

— Mais um? Este é o nosso terceiro indigente esta semana.

— Mais corpos significam mais dinheiro para ti. Eu pensaria que estarias a saltar de alegria.

— Não vou dignificar isso com uma resposta. Encontramo-nos na doca. Sabes que há um sino lá atrás, não sabes?

— Prefiro a formalidade de fazer o *check-in* na receção.

— Claro que preferes. — Ela revirou os olhos e Hart desejou que estes lhe saltassem do rosto imperdoavelmente bonito.

— Não trabalha mais ninguém aqui? Porque é que o teu pai não pode fazer isso?

Como um presente da Noiva da Fortuna, um dos lendários roncos de Roy Birdsall atravessou o átrio, vindo de trás da parede fina que o separava do escritório. Hart sorriu para Mercy, cujo rosto escureceu de vergonha.

— Encontramo-nos na doca — repetiu ela por entre dentes cerrados.

O sorrisinho de Hart acompanhou-o enquanto colocava o chapéu, saía para o seu *autoduck* e o fazia recuar até à doca.

— Tens a certeza de que queres fazer isto? — perguntou ele a Mercy enquanto abria a porta do compartimento de carga do veículo, sabendo muito bem que ela iria achar a pergunta insuportavelmente condescendente.

Como que para provar que não precisava da ajuda de ninguém, muito menos da dele, ela tirou a carreta dos ganchos na parede, passou

por Hart até ao compartimento de carga e prendeu o corpo embrulhado em lona de vela às varas com os movimentos praticados de uma especialista. Infelizmente, este cadáver em particular estava a verter muito, mesmo através da lona grossa. Apesar de ele o ter mantido em gelo, a podridão líquida não estava completamente congelada e Mercy acabou por ficar com ela espalhada pelas mãos, pelos braços e pela frente do seu macacão. Saboreando o horror espelhado no rosto dela, Hart aproximou-se, irónico.

— Não quero dizer que te avisei, mas…

Ela passou com o cadáver por ele, forçando-o a sair do *autoduck* para lhe dar espaço.

— Desgosto, se não queres a minha ajuda, talvez devesses arranjar finalmente um parceiro.

A insinuação acendeu o seu Pavio Mercy, que era reconhecidamente curto. Como se ele tivesse algum problema em encontrar um parceiro, se quisesse. O que não era o caso.

— Eu não pedi a tua ajuda — respondeu ele. — E olha quem fala, já agora.

Ela parou a carreta e puxou o suporte com a ponta da sapatilha.

— O que é que isso quer dizer?

— Quer dizer que também não vejo ninguém a ajudar-te. — Ele procurou dentro do seu colete preto pela papelada que ela teria de preencher para receber o subsídio do governo pelo processamento do corpo e estendeu-lha. Já tinha aprendido há muito a ter a sua parte preenchida com antecedência, para não ter de passar nem mais um segundo do que o necessário na presença dela.

Ela limpou uma mão no tecido limpo que lhe cobria o rabo, antes de arrancar os papéis da mão dele. Sem o consentimento da sua razão, as mãos de Hart arderam de curiosidade, imaginando exatamente qual seria a sensação das curvas redondas do traseiro dela nas suas mãos. O cérebro dele estava a tentar afastar a luxúria indesejada quando Mercy se aproximou, colocando-se em bicos de pés. A maioria das mulheres não conseguia chegar perto da cabeça de Hart sem a ajuda de uma escada, mas Mercy era alta o suficiente para se colocar ao alcance de um beijo quando se erguia na ponta dos seus sapatos de lona vermelha.

Os seus grandes olhos castanhos brilhavam por detrás das lentes dos óculos e a proximidade inesperada do corpo inteiro dela pareceu-lhe bizarramente íntima quando ela disparou as palavras seguintes para a cara dele:

— Sabes o que eu penso, Desgosto?

Ele engoliu a sua inquietação e manteve a voz calma.

— Diz, Impiedosa.

— Deves ser um falhado pateticamente sem amigos para seres um idiota assim tão grande. — Na palavra *idiota*, ela espetou enfaticamente o dedo indicador da sua mão imunda no peito dele, manchando-lhe o colete com podridão castanha e fazendo-o tropeçar na borda da doca. Depois, puxou a grade para baixo antes que ele pudesse pronunciar outra palavra, deixando-a fechar-se entre eles com um estrondo retumbante.

Hart ficou a oscilar na borda da doca num silêncio atordoado. Lenta e insidiosamente, à medida que recuperava o equilíbrio, as palavras dela infiltraram-se sob a sua pele e entraram-se-lhe nas veias.

Nunca mais cá volto a não ser que seja absolutamente necessário, prometeu ele a si próprio pela centésima vez. A Birdsall & Filho não era o único local oficial de entrega de corpos sem identificação recuperados em Tanria. De agora em diante, levaria os seus cadáveres sem chave para a Cunningham. Mas, ao pensar nas palavras, sabia que estas constituíam uma mentira. Sempre que matava um indigente em Tanria, ele levava o cadáver à Funerária Birdsall & Filho.

Por um cão.

Porque ele era um falhado pateticamente sem amigos.

Já sabia disso em relação a si mesmo, mas o facto de Mercy também o saber fez com que a sua espinha enrijecesse. Entrou no seu *autoduck* e conduziu até ao posto, apertando o volante com força enquanto se repreendia por ter deixado Mercy irritá-lo.

Mercy, com o seu presunçoso *Oh. És tu*. Como se uma ratazana do lixo tivesse entrado no átrio dela em vez de Hart.

Mercy, cuja cada palavra era como um pionés cuspido contra a cara dele, com a ponta virada para a frente.

Quando ele a conhecera pela primeira vez, quatro anos antes, ela tinha entrado no átrio usando um vestido amarelo vivo, como um raio

de sol a irromper através de nuvens carregadas num dia sombrio. Os grandes olhos castanhos por detrás dos óculos tinham-se cruzado com os dele, arregalando-se, e ele pôde ver a palavra formar-se na mente dela ao ver a cor das suas íris, tão pálidas e insipidamente cinzentas como o céu da manhã num dia nublado.

Semideus.

Agora, ele dava por si a perguntar-se o que era pior: uma jovem bonita vê-lo apenas como a descendência de um pai divino, ou a Impiedosa Mercy a detestá-lo pelo homem que ele era.

Qualquer esperança que ele tivesse acalentado de voltar para o seu posto no Setor W-38 sem ser notado desapareceu quando ouviu a voz da Chefe Maguire chamá-lo da porta da frente do Posto Ocidental, como se ela tivesse estado de pé junto das persianas do seu gabinete, à espera de atacar.

— Xerife Ralston.

Todo o corpo dele quis descair ao som da voz de Alma, mas ele forçou-se a manter os ombros direitos enquanto tirava a mochila do banco do passageiro e fechava a porta com um ruído metálico.

— Olá, Chefe.

— Onde estiveste?

— Em Eternity. Eliminei um servo no Setor W-38, mas ele não tinha chave. A decomposição era tão má que decidi trazê-lo logo. Pobre coitado.

Alma examinou-o por cima da borda fumegante da sua caneca de café sempre presente, com os seus olhos de semideusa cor de água-marinha a brilharem no seu rosto castanho e largo.

Os lábios de Hart comprimiram-se:

— Estás a insinuar que *eu* sou um pobre coitado?

— Não é tanto uma insinuação e sim mais a declaração de um facto.

— Não, não é.

— Não tens vida social. Trabalhas o tempo todo. Nem sequer tens um sítio onde pendurar o chapéu. Podes até ficar num hotel por algumas

noites, mas depois voltas logo para cá. — Ela sacudiu o polegar em direção à Névoa, o casulo de nevoeiro agitado que formava a fronteira de Tanria para lá do Posto Ocidental. — Este buraco de merda é a tua casa. Não é triste?

Hart encolheu os ombros.

— Não é assim tão mau.

— Dizes tu. Presumo que tenhas levado o corpo para a Cunningham?

— Não.

Ela ergueu uma sobrancelha de «não aceito as tuas tretas» para ele antes de se apoiar no capô do seu *autoduck*. Hart franziu a testa quando ela deitou algumas gotas de café na pintura azul lascada. Já estava enferrujado o suficiente; ela não precisava piorar a situação.

— Olha, Ralston, nós dependemos dos cangalheiros. Precisamos que façam o trabalho deles para que nós possamos fazer o nosso.

Maravilhoso. Um sermão da sua chefe. A qual costumava ser sua parceira e amiga. E que agora lhe chamava Ralston.

— Eu sei.

— Estás ciente do facto de que o Roy Birdsall quase morreu há alguns meses, certo?

Hart remexeu-se, com as solas das suas botas a rangerem no cascalho do parque de estacionamento.

— Não.

— Bem, foi o que aconteceu. Ataque cardíaco ou algo assim. Em teoria, ele está a gerir o escritório, mas é a Mercy quem trata de tudo na Birdsall & Filho: fabrico de barcos, preparação de corpos, tudo.

— E depois? — O tom dele era petulante, mas a lembrança de uma Mercy desgrenhada com podridão de cadáveres espalhada pela roupa fez com que uma fronde de culpa se desenrolasse nas suas entranhas.

— Por isso, se vais patrocinar a Birdsall, dá um desconto à Mercy e porta-te bem. Se não conseguires fazer isso, vai à Cunningham. Está bem?

— Sim, tudo bem. Posso ir agora? — Ele ajeitou o chapéu na cabeça, um sinal claro de que estava a preparar-se para sair da conversa e continuar com o seu trabalho, mas Alma levantou a mão livre.

— Espera aí. Tenho andado para falar contigo sobre uma coisa.

Hart grunhiu. Sabia o que estava para vir.

— Não comeces. Passaste por três parceiros em quatro anos e andas a trabalhar sozinho há meses. É muito perigoso fazermos isto sozinhos. Para qualquer um de nós. — Ela acrescentou a última parte como se a conversa fosse sobre os xerifes em geral em vez de sobre ele especificamente, mas Hart sabia que não era assim.

— Eu não preciso de um parceiro.

Ela lançou-lhe um olhar de pura exasperação e, por uma fração de segundo, Hart pôde ver a velha Alma, a amiga que o tinha apoiado quando o seu mentor, Bill, morrera. Ela dispensou-o com um sacudir de cabeça.

— Vá, vai. Mas esta conversa ainda não acabou.

Ele tinha dado alguns passos em direção aos estábulos quando Alma o chamou:

— Aparece para jantar um dia destes, está bem? A Diane tem saudades tuas.

Aquela oferenda de paz era quase certamente obra de Diane e ele conseguia perceber que era tão difícil para Alma entregar o convite da esposa como era para Hart ouvi-lo.

— Certo — respondeu ele, e continuou em direção aos estábulos, mas ambos sabiam que ele não iria estar à porta de Alma e Diane tão cedo. Embora ele e Alma há muito que tivessem feito as pazes à superfície, o velho rancor ainda pairava no ar, como se o fantasma de Bill tivesse fixado residência permanente no espaço entre eles. Hart não sabia como ultrapassar isso, ou se o queria fazer, mas era dolorosamente estranho sentir saudades de uma amiga quando ela estava mesmo atrás dele. Era pior sentir saudades de Diane. Ele quase nunca a via agora.

Os estábulos eram escuros, comparados com a luz brutal do sol de Bushong, e abençoadamente mais frescos, também. Ele foi até às baias para ver que montadas estavam disponíveis. Sabia que as escolhas seriam poucas a essa hora do dia, mas não estava preparado para o quão más eram: um animal castrado tão jovem que Hart não confiava que não fugisse ao primeiro cheiro de um servo; uma fêmea mais velha que ele já tinha levado algumas vezes e que achava demasiado lenta e arrastada para o seu gosto; e *Saltlicker*.

Saltlicker era um daqueles *equimares* que fugiam para a água sempre que podiam e mantinham uma oposição constante e amarga em relação

a qualquer pessoa que se atrevesse a montá-lo. Alguns xerifes gostavam dele por causa da sua energia; Hart detestava o animal, mas, das três opções, *Saltlicker* era, infelizmente, a melhor escolha.

— Maravilhoso — lamentou-se Hart.

Saltlicker bufou, sacudiu a crina semelhante a algas e mergulhou o focinho na sua tina, soprando bolhas de mau humor na água, como se dissesse: *O sentimento é mútuo, idiota.*

De repente, uma tristeza opressiva tomou conta de Hart. Uma coisa era não gostar de um *equimaris*; outra era o *equimaris* odiá-lo de volta. E, para ser sincero, quem é que gostava genuinamente de Hart hoje em dia? O insulto farpado de Mercy, que o tinha seguido desde Eternity, surgiu mais uma vez na sua mente.

Deves ser um falhado pateticamente sem amigos para seres tão idiota.

Ela tinha razão. Só um falhado pateticamente sem amigos enfrentaria a sua Némesis vezes sem conta para acariciar o cão dela durante cinco minutos.

Talvez eu devesse arranjar coragem e arranjar outro cão, pensou ele, mas, assim que considerou a ideia, soube que nunca poderia substituir *Gracie*. E isso deixava-o apenas com uma visita ocasional a *Leonard*.

Hart sabia que precisava de chegar ao seu posto, mas acabou por se sentar contra a parede do estábulo, envolto em sombras. Como se tivesse uma mente própria — chamem-lhe memória muscular antiga —, a sua mão serpenteou para dentro da mochila e puxou do seu velho caderno e de uma caneta.

Quando entrara para os Xerifes de Tanria, depois da morte da mãe, ele costumava escrever cartas para ela e colocá-las em caixas de *nimkilim* sempre que ele e o seu mentor, Bill, iam para o Posto ou para uma cidade. Mais tarde, depois de Bill ser morto, Hart escrevera para ele também, na sua maioria cartas cheias de remorsos. No entanto, não escrevia para nenhum dos dois há anos, porque, no fim das contas, não era como se eles pudessem escrever de volta. E era isso que ele queria, não era? Que alguém — qualquer pessoa — respondesse?

Pobre coitado, parecia dizer-lhe agora a página em branco, aberta sobre as suas coxas. Ele clicou na caneta e escreveu *Caro*, hesitou, e depois acrescentou a palavra *amigo*.

Não fazia ideia de quanto tempo tinha passado quando arrancou a página, a dobrou em quatro e se pôs de pé, aliviando as dores nos joelhos. Sentia um alívio semelhante no seu peito dorido, como se tivesse conseguido deitar para o papel um pouco da solidão do seu coração. Olhando à sua volta para se certificar de que não era observado ao atravessar o pátio do estábulo, dirigiu-se à caixa de *nimkilim* do Posto e meteu o bilhete lá dentro, embora tivesse a certeza de que uma carta dirigida a ninguém nunca seria entregue a ninguém.

Capítulo Dois



Mercy abriu a gaveta número cinco e observou enquanto o infeliz que Hart Ralston trouxera no dia anterior emergia do poço, o qual mantivera o seu corpo arrefecido a uma temperatura constante de doze graus durante a noite. Não era muito grande, mas também não era minúsculo, e movê-lo para a carreta seria mais fácil com duas pessoas.

— Zeddie? Estás aí? — chamou Mercy esperançosamente para as escadas da cave, mas foi o pai quem lhe respondeu, com uma voz demasiado ansiosa para o seu gosto.

— Ele ainda não chegou. Precisas de ajuda com alguma coisa, fofinha?

— Ná. Não. Está tudo bem. Queria mostrar ao Zeddie como se faz aquela dobra complicada na corda da gaveta número cinco. — Não era uma mentira, mas ela não queria que o pai fizesse nada que exigisse esforço físico, como ajudá-la a mover um cadáver. Ele também não andava grande coisa nas escadas nos últimos dias. Os seus joelhos estalavam de forma alarmante a cada passo. Depois do ataque cardíaco que tivera há seis meses, a médica tinha dito que ele precisava de se reformar ou, pelo menos, deixar o trabalho pesado de cangalheiro e era por isso que ele estava lá em cima, a gerir o escritório no lugar de Mercy, e ela estava aqui em baixo, a trabalhar como cangalheira interina até Zeddie estar pronto para assumir o cargo, o que, em teoria, ia acontecer esta manhã. Se ele alguma vez aparecesse.

Irritada com o irmão por se ter atrasado no seu primeiro dia como agente funerário oficial da Birdsall & Filho, Mercy manobrou sozinha os restos mortais do indigente para a carreta, rebolou sozinha o corpo para o elevador, adicionou sozinha mais alguns quilos ao contrapeso e

puxou sozinha a corda do elevador, mão após mão, até a sentir atingir o fim. Gostava da forma como os seus músculos trabalhavam, levantando e carregando, empurrando e puxando, como se este trabalho fosse a razão pela qual as Três Mães a tinham feito maior do que quase todas as outras mulheres da ilha de Bushong e mais alta do que a maioria dos homens, também.

Claro, havia um homem que a superava, ou, melhor, um semideus. Era pena que a ascendência divina de Hart Ralston viesse acompanhada de uma colherada bem cheia de arrogância, bastante evidente na forma como ele inclinava a cabeça e colocava as mãos nas ancas, chamando a atenção para a magreza destas e para a forma como o seu cinto da espada pendia delas do modo mais irritantemente *sexy* possível. Irritava intensamente Mercy o facto de, após anos a aturar aquele xerife insuportável, algum instinto primitivo interior continuar a achar que ele era um belo naco.

Ela prendeu a corda no lugar e assobiou enquanto subia as escadas, com as solas de borracha dos seus sapatos de lona vermelha a fazerem um ruído satisfatório nos degraus. Como Zeddie ainda não tinha chegado, ela decidiu que esta seria uma boa altura para abordar o assunto da definhante lista de tarefas do pai. Enfiou a cabeça no escritório, onde Roy Birdsall estava sentado à antiga secretária dela, com os seus óculos de leitura inexplicavelmente apoiados nas suas sobrancelhas espessas.

— Não sei se te lembras de eu o ter mencionado na semana passada, mas acabaram-se o cedro e o lariço e agora também nos falta o sal. E urnas.

— Eu faço as encomendas esta manhã, assim que acabar de fazer o registo das contas. Prometo.

— Estamos com muita, muita falta. E não faria mal nenhum encomendar mais chaves. Temos tido um corrupio de corpos não identificados ultimamente. É melhor escrever tudo?

— Eu sou velho, mas não assim tão velho. Vou-me lembrar.

— Porque eu posso escrever tudo, se quiseres.

Ele abanou a cabeça com um sorriso.

— Às vezes, és mesmo como a tua mãe.

Mercy sabia que esse era o maior dos elogios vindo da boca de Roy Birdsall. Ela beijou-lhe os caracóis mais brancos do que castanhos e enumerou a lista de tarefas pelos dedos.

— Cedro. Lariço. Sal. Urnas. E lembra-te de encomendar mais chaves.

Roy fez-lhe continência, mas o gesto não foi muito tranquilizador.

Com isso, Mercy deixou o escritório dele. Estava prestes a ir para a oficina de barcos quando ouviu o bater familiar de Horatio na porta da frente, com as suas garras a matraquearem na madeira.

— Eu vou lá — disse ela para o pai, enquanto seguia para o átrio para deixar entrar o *nimkilim*. A coruja estava em cima do tapete de boas-vindas, como fazia todas as manhãs, seis dias por semana, com as suas penas brancas cobertas por um colete esmeralda particularmente elegante e calças de seda, um conjunto que parecia extraordinariamente deslocado numa cidade fronteiriça poeirenta como Eternity.

— Ah, bom dia, menina Birdsall. — Horatio piou de uma forma que também dizia: *Já fui um mensageiro dos Deuses Antigos e, no entanto, tu fazes-me esperar neste capacho pindérico*. Mas Mercy achava a altivez da velha escola da coruja encantadora, portanto, ofereceu-lhe o seu sorriso luminoso de sempre enquanto ele dava os seus três passos habituais no átrio com os seus pés de pássaro descalços. Horatio tirou um maço fino de cartas da sua elegante bolsa de correio de couro macio pendurada nas costas e entregou-o a Mercy. — Gosto bastante deste estilo moderno que estás a experimentar por estes dias. Nunca vi ninguém fazer um macacão funcionar, mas aqui estás tu, a imagem perfeita.

O rosto de Mercy fez uma covinha. Um elogio de Horatio, mesmo um que cheirasse a admiração condescendente, era motivo de celebração. A sua adorada coleção de vestidos estava a ganhar pó no armário do seu quarto no andar de cima há seis meses, mas ela descobrira que os seus novos macacões e jardineiras ofereciam oportunidades de moda a par da sua praticidade.

— Obrigada — disse ela, dando palmadinhas no lenço floral que lhe prendia o cabelo, enquanto pegava nos avisos diários de falecimento que estavam no balcão e os entregava. Depois, tirou uma moeda da tigela que guardava atrás do balcão e entregou-a também ao *nimkilim*. Horatio cheirou a prata que brilhava nas penas brancas da sua asa

e estava prestes a desejar-lhe um bom dia quando Mercy ergueu um pedaço de papel dobrado que encontrou no topo da pilha na sua mão.

— Houve algum engano, Horatio. Esta carta não está endereçada à Birdsall & Filho.

— Um engano? Acho que não. — A coruja puxou de uma corrente à volta do seu pescoço e um par de óculos de leitura surgiu do colete. Colocou-os na ponta do bico com as pontas emplumadas de uma asa, enquanto pegava no papel de Mercy com a outra. Estudou a dobra externa em branco como se houvesse algo para ler ali. Depois, estendeu a carta para ela mais uma vez. — Como eu disse, é para ti.

Mercy pegou no bilhete, franzindo a testa em confusão.

— Mas… não tem endereço.

— Tem, sim.

— Onde?

Horatio agitou vagamente uma asa em direção ao papel na mão dela.

— Ainda não estou a ver — disse Mercy.

— Só porque os seres humanos não conseguem ver, não quer dizer que não esteja lá, minha querida. Devo acrescentar que esta missiva não é endereçada à Birdsall & Filho. É dirigida a ti, pessoalmente.

— A mim? — Um arrepio subiu-lhe pela espinha. A única pessoa que lhe enviava correio não relacionado com negócios era a sua irmã, Lilian, que por vezes encontrava postais hilariantemente pirosos na estrada. — De quem é?

— Céus, como é que eu posso saber?

— Da mesma forma que sabes que é para mim?

Horatio soltou um pio gargalhado.

— Querida, ler a morada é a soma total dos meus poderes nessa questão; as leis da privacidade e tudo o mais. O que é uma pena, posso dizer-te, pois há imensas cartas que eu adoraria ler antes de serem entregues. Já acabámos aqui?

— Eu…

— Excelente. Adeusinho.

— Adeus — respondeu Mercy distraidamente. Olhou para o papel dobrado na mão, confusa, enquanto virava a placa da porta da frente para «Aberto». Atrás dela, ouviu a porta da *kitchenette* chiar, com as

dobradiças a precisarem de ser oleadas, e virou-se a tempo de ver o pai a tentar entrar sorrateiramente no escritório com uma chávena de café quente.

— Ná! Não! — disse Mercy, apontando-lhe um dedo acusador.

Roy amuou como uma criança gigante:

— Ah, fofinha.

— Sabes o que a Dra. Galdamez disse.

Derrotado, ele foi para a *kitchenette* despejar o café enquanto Mercy desdobrava o bilhete e o lia.

Caro amigo,

Desconfio que estou a escrever a alguém que não existe. No entanto, se tu existes e estás algures por aí acho que esta carta é para ti.

Fui recentemente informado de que sou um idiota, por um equimaris, ainda por cima, e, antes de me defenderes, fica a saber que é verdade. Eu sou um idiota. Não sei bem quando nem como aconteceu e não creio que tenha sido sempre um idiota, mas aqui estamos nós. Tenho de confessar que há uma pessoa em particular que faz sobressair o completo e absoluto idiota que há em mim e gostava de saber o que fazer em relação a isso.

Tens alguém assim na tua vida, uma pessoa que te irrite e que, por mais que prometas a ti próprio que vais ignorar tudo, deixas que te irrite sempre? Para teu bem, espero que não, mas, se for o caso, as minhas condolências.

Tenho tentado perceber porque é que esta pessoa traz ao de cima o pior de mim e cheguei à seguinte conclusão: a maioria dos dias são apenas dias, sabes? Apenas eu, a passar as horas entre o momento em que me levanto e aquele em que me deito. Mas, sempre que estou perto dessa pessoa, desse indivíduo que me irrita como nenhum outro, sinto com mais força a presença de uma verdade inegável que está sempre lá, à espreita, a pairar, à espera de mim em cada curva da estrada.

A solidão.

Pronto. Disse-o. Tecnicamente, escrevi-o, mas escrevê-lo com tinta torna-o mais verdadeiro.

Sinto-me só. Portanto, esta mulher, que claramente não gosta de mim, lembra-me de que há muito poucas pessoas neste mundo que gostam. E as minhas circunstâncias são tais que não sei como resolver esse problema.

Talvez seja por isso que continuo a colocar-me na mira dela. Talvez haja um estranho conforto em saber que há pelo menos uma pessoa que sente algo por mim, mesmo que esse sentimento possa ser mais bem descrito como ódio.

Bem, esta é uma carta desanimadora. Peço desculpa por isso. Se vale de alguma coisa, sinto-me melhor por a ter escrito, por ter aplicado o peso da minha solidão a um pedaço de papel em vez de ao meu próprio coração, para variar. Obrigado por isso, meu amigo. Espero que as minhas palavras não te tenham pesado.

Ou também te sentes só?

Atenciosamente,
Um amigo

Mercy ficou boquiaberta perante a inexplicável confissão de coração aberto que tinha na mão, vinda de uma pessoa tão real e substancial como o papel em que fora escrito, mas também tão frágil e facilmente rasgável. Quem é que a teria enviado? E porque é que Horatio insistira que a carta era endereçada a Mercy quando o escritor claramente não sabia quem ela era?

A porta da frente abriu-se e Mercy dobrou a carta e enfiou-a no bolso das suas jardineiras, a tempo de ver o irmão, Zeddie, entrar com descontração no átrio, descaradamente moderno com a sua camisa verde e calças cor-de-rosa de corte justo, e os seus caracóis dourados perfeitamente despenteados, a imagem da insensibilidade dos vinte anos. Trazia um saco gorduroso numa mão, enquanto enfiava metade de um dónute na boca com a outra. Tal como Mercy, era alto, mas, ao contrário de Mercy, tinha herdado a estrutura estreita da mãe e a capacidade de enfiar a comida lá dentro com pouco efeito.

— Porque é que estás atrasado? — perguntou-lhe Mercy.

— Porque: dónutes. — Ele entregou-lhe o saco, que ela abriu para poder inalar a perfeição frita que estava lá dentro. Era difícil ficar zangada com alguém que lhe trazia dónutes.

— Está bem, mas temos de garantir que o pai não os vê.

Como se fosse uma deixa, o pai saiu da *kitchenette* sem café e sorriu quando viu o filho no átrio.

— Ora, aí está o licenciado!

— Eu mesmo. — Zeddie sorriu corajosamente, enquanto Mercy escondia o saco de dónutes atrás das costas. No entanto, havia uma tensão na boca dele, um ranger de dentes que plantou uma pequena semente de preocupação nas entranhas de Mercy. Contudo, recusou-se a deixá-la criar raízes, certa de que devia estar a imaginar coisas.

— Então, o que é que vamos fazer no teu primeiro dia como cangalheiro? — perguntou o pai, batendo palmas e esfregando as mãos alegremente em antecipação.

— O *Zeddie* vai dar banho, salgar e embrulhar o cavalheiro que o Xerife Ralston trouxe ontem, enquanto *tu* te sentas calmamente à tua secretária e tratas das contas, de acordo com as ordens da médica.

— Oh. Pensei que talvez pudéssemos começar com a construção de barcos — disse Zeddie.

— Este não tem chave, por isso vai ser fácil.

— Certo. — Zeddie riu-se nervosamente e Mercy atribuiu isso ao nervosismo do primeiro dia.

— Vou deixar-vos trabalhar. — Roy deu um aperto carinhoso no queixo da filha e voltou para o escritório. Com o pai fora do caminho, Mercy decidiu que seria aceitável parar na *kitchenette* para comer um dónute antes de ir para a oficina dos barcos.

— Como é que o corpo pode não ter chave? — perguntou-lhe Zeddie alguns minutos depois, com a boca cheia de massa frita meio mastigada. — Não é preciso ter-se uma chave de identificação para se entrar em Tanria?

— Legalmente, sim, mas há muita gente que entra à socapa para caçar pássaros, desenterrar plantas exóticas, esse tipo de coisas. Há todo um mercado negro para as coisas de Tanria.

A esta altura, Mercy já tinha terminado o seu bolo e estava pronta para começar a trabalhar, mas Zeddie pegou noutro dónute do saco e deu uma dentada.

— Então, como é que sabem o que fazer com o corpo ou para onde o enviar?

— Não sabemos. Tudo o que podemos fazer é salgar os restos mortais, dizer os encantamentos e levá-los para os poços de enterro.

— Deuses, não admira que estejamos falidos — murmurou Zeddie antes de dar outra dentada.

Mercy eriçou-se:

— Estas pessoas merecem dignidade no fim da vida tanto como quaisquer outras. É assim que fazemos as coisas na Birdsall & Filho.

— Mas como é que te podes manter a funcionar se estás a aceitar trabalho não remunerado?

— *Nós*, não *eu* — corrigiu-o ela, enquanto ele enfiava o resto do dónute na boca. — E não é não remunerado. Eu candidatei-me ao Subsídio de Processamento de Indigentes quando as novas leis de identificação tanrianas entraram em vigor há quatro anos. Para além da Cunningham, somos o único local de entrega de corpos sem chave perto do Posto Ocidental e recebemos um subsídio sempre que um xerife nos entrega restos mortais não identificados. No início, não era muito, mas com o grande número de pessoas que entram em Tanria atualmente, a receção de indigentes tornou-se um fluxo de receitas constante.

— É bom saber — disse Zeddie com distinta falta de entusiasmo, o que era desapontante. Mercy estava orgulhosa de si mesma por ter tido a visão de se candidatar ao subsídio há quatro anos.

— Bem, vai haver muito tempo para aprenderes os meandros das finanças, além de que essa parte do negócio é maioritariamente o meu trabalho. — Ela deu-lhe uma palmadinha no braço, afastando ao mesmo tempo o seu orgulho ferido. — Pronto para dar banho, salgar e embrulhar?

Zeddie franziu o sobrolho para o saco de dónutes gordurosos.

— Talvez seja melhor fazer a digestão primeiro?

Mercy riu-se da piada dele — com certeza que ele estava a brincar — e levou-o até à oficina de barcos. Contudo, depois de porem os

óculos de proteção, as luvas e os aventais de borracha, a pele morena do irmão tinha adquirido uma palidez fantasmagórica. Ela quase se ofereceu para tirar o corpo do elevador sozinha, mas conteve-se. O negócio chamava-se Birdsall & *Filho* e o filho tinha finalmente regressado a casa para tomar conta do que o pai tinha começado. Estava na altura de parar de o mimar e de o deixar sujar as mãos.

— Vá, põe-no na mesa de preparação.

— Certo.

Ela observou enquanto Zeddie tirava a carreta do elevador e levantava, de modo desajeitado, o corpo na sua mortalha manchada, para o colocar na mesa sobre o ralo no chão. Ele estava claramente a suster a respiração e, quando acabou, tinha ficado claramente verde. Ela não conseguia perceber o nojo dele. Talvez usassem bonecos em vez de cadáveres no programa de treino?

— Estás pronto para salgar e embrulhar o corpo? — perguntou-lhe ela.

Uma gota de suor escorreu pela têmpora dele.

— Não, acho que devia primeiro ver-te a fazê-lo para ter a certeza de que aprendo a fazer as coisas como o pai quer que sejam feitas.

— Está bem.

Ela estudou-lhe o rosto franzido. Zeddie fora sempre tímido perto dos mortos, mas, com certeza, três anos a trabalhar para obter o diploma em Ritos e Serviços Funerários teriam resolvido esse problema. Pondo de lado as suas dúvidas, ela começou a desembrulhar o corpo.

— A decomposição é extensa, mas podemos ver que este homem foi estrangulado, o que é uma bênção. Os servos costumam morder a garganta das vítimas para as matar antes de se apoderarem dos seus corpos, como decerto sabes.

Zeddie engoliu em seco e assentiu.

Mercy cortou o que restava das roupas do homem, revelando a pele sem sangue do seu abdómen.

— Vês aqui? Há uma ferida onde o Xerife Ralston perfurou o cadáver pelo apêndice, o qual, como sabes, é a sede da alma humana e o ponto de infeção do servo, mas eu verifico sempre para termos a certeza.

Ela pegou no bisturi que tinha à mão para esse efeito, fez um corte preciso para abrir o abdómen inferior e vasculhou por entre os intestinos até encontrar o apêndice, perfurado como devia ser. Cortou-o de novo, para garantir… a tempo de Zeddie se dobrar sobre a bacia do lavatório atrás de si e largar o conteúdo do seu estômago. Ele fugiu da oficina de barcos, com as solas das suas sapatilhas de lona a chiarem no chão de linóleo limpo na sua pressa, e Mercy ficou debruçada sobre o cadáver, perplexa, com o bisturi no ar. Pousou-o no tabuleiro, lavou as mãos no lavatório — empurrando a porcaria de Zeddie pelo ralo ao mesmo tempo — e seguiu o seu rasto até o encontrar sentado à pequena mesa da *kitchenette* com a cabeça enterrada nos braços. O saco de dónutes, agora vazio, estava amarrotado junto ao seu cotovelo.

— Zeddie?

Ele endireitou-se, limpando furiosamente os olhos com as costas das mãos, e todo o peito de Mercy doeu em simpatia.

— O que se passa? — perguntou ela.

— Preciso de te dizer uma coisa.

— Está bem. — Ela sentou-se na cadeira em frente dele e deu-lhe uma palmadinha no braço. — Estou a ouvir.

Ele apertou as mãos entre os joelhos, tão miserável e patético como um cachorrinho preso do lado de fora da porta sob uma chuva torrencial.

— Bom… quando eu estava na escola… eu não segui exatamente o curso de Ritos e Serviços Funerários.

Aquela semente de preocupação nas entranhas dela germinou, cresceu e floresceu.

— O quê? — perguntou ela, sem ter a certeza de que queria saber a resposta.

— Chumbei a Introdução aos Rituais de Morte no primeiro semestre e tive de desistir da Introdução à Construção Náutica porque, ao que parece, sou alérgico ao mogno. Isso explica todas aquelas erupções cutâneas que eu costumava ter quando era miúdo. Lembras-te?

— Mãe das Dores — sussurrou Mercy para ele, em descrença. — Então, que raio andaste a estudar nos últimos três anos?

Zeddie encolheu-se na cadeira, dobrando-se sobre si mesmo.

— Filosofia Medoriana Antiga.

— Estás a brincar comigo?

— Não era algo que adorasse, mas não sabia o que mais fazer.

— E só agora é que me estás a contar? — No decorrer daquelas nove palavras, a voz de Mercy subiu várias oitavas.

— Chiu! — Zeddie pôs-se de pé e fechou a porta da *kitchenette*. — Estou a contar-te agora.

— O pai sabe?

— Não! Deuses, não! Por favor, não lhe contes, Merc.

— Como é que vou esconder isto dele? Acho que vou desmaiar. — Ela colocou a cabeça entre os joelhos e respirou fundo, engolindo o ar e embaciando os óculos até se controlar e conseguir voltar a sentar-se. — Está tudo bem. Nós podemos resolver isto. Não precisas de usar mogno. O carvalho é melhor, de qualquer forma.

Ela olhou esperançosamente para o irmão, mas essa esperança desvaneceu-se rapidamente quando o viu encostar-se à porta com um ar de tragédia.

— O trabalho não é assim tão mau quando nos habituamos a ele — assegurou-lhe ela. Implorou-lhe, mais propriamente.

— Nunca me vou habituar a ele. E tens razão. Não é mau; é terrível.

— Não, não é!

Zeddie agarrou a cabeça com as mãos, com os caracóis a espalharem-se entre os dedos.

— Eu sei que devia ter dito alguma coisa antes, mas, sempre que tentava contar ao pai, acobardava-me. Quero dizer, como é que eu lhe podia fazer isso depois de tudo o que ele fez por mim? Por isso pensei: «Está bem, Zeddie, não pode ser assim tão mau. Experimenta.» Só que essa tentativa durou apenas cinco segundos. Deuses, isto é um desastre do caraças.

— Não é como se este trabalho tivesse sido uma grande surpresa. Sempre soubeste que a funerária é passada de pai para filho. Tem sido assim desde os dias dos Deuses Antigos e o pai tinha isto tudo planeado para ti desde que nasceste. Assumias o cargo de cangalheiro e eu ficava como tua gerente de escritório. As coisas estão uma confusão, Zeddie.

Se não te chegares à frente, acabou-se. A Birdsall & Filho está acabada. Terminada. Encerrada.

— Eu sei, mas estou a dizer-te que não posso fazer isso. *Não* o vou fazer.

— Bem, e o que mais vais fazer com a tua vida?

— Não passá-la com pessoas *mortas*!

As palavras foram uma bofetada na cara de Mercy. Os seus olhos encheram-se de lágrimas quentes de frustração, mas conseguia ver que não havia como persuadir o irmão a entrar no negócio de cangalheiro, não enquanto ele se derretia contra a porta num sofrimento mudo, de qualquer forma. Derrotada, esfregou a testa com ambas as mãos.

— O que é que vamos fazer?

— Não sei. Por favor, não contes ao pai. Nem à Lil. Não confio que ela fique calada.

— Eles vão descobrir.

— Eu sei. Eu vou contar ao pai. Vou contar aos dois, juro. Mas gostava de ter um plano para o meu futuro antes de o fazer. Podes substituir-me até lá?

Mercy perguntou-se se o irmão perceberia que lhe tinha tirado o tapete de debaixo dos pés. Ela tinha-se matado a trabalhar durante treze anos para ajudar o pai a manter a Birdsall & Filho a funcionar em benefício de Zeddie e agora ele estava prestes a destruir tudo. Ela queria dizer: *E eu?* Mas que direito tinha ela de obrigar Zeddie a um trabalho — uma vocação, na verdade — que o tornava infeliz? Não podia fazer isso àquele pestinha que adorava desde o dia em que ele nascera.

Ele veio ajoelhar-se diante dela.

— Por favor? Por favor? — implorou-lhe ele.

E ela partiu-se como um ovo.

— Argh! Está bem. Eu guardo o teu segredo. Por agora. Mas, pelo menos, tenta fazer barcos se não consegues lidar com os corpos. Deves isso ao pai. Quanto a contares-lhe sobre o curso de filosofia, fá-lo em breve. E, até lá, tens de me ajudar a fazer todas as coisas que não envolvam cadáveres. E também tens de me ajudar a manter o pai na linha, porque ele continua a tentar fazer coisas que a médica diz que já não pode fazer. Combinado?

— Sim. Completamente. Combinado. Tu és literalmente a melhor irmã de sempre.

— Não te esqueças de mencionar isso à Lil da próxima vez que ela estiver na cidade — brincou Mercy debilmente enquanto Zeddie a abraçava com força, com cadeira e tudo.

Ela já se tinha esquecido da estranha carta, por isso não prestou atenção ao som do papel a amarrotar-se no bolso enquanto o irmão a apertava até lhe tirar o fôlego.